

Maria Prestes, ou outros muitos nomes de que ela se servia, foi o próprio Getúlio Vargas, por indesejável e nociva aos interesses nacionais. Foi dele, Getúlio, a ordem para que Olga Prestes fosse deportada e entregue à Gestapo, com providência de embarque num navio alemão... mas com nome espanhol (Lã Corunã) – ancorado em porto brasileiro.

Entende-se por que as esquerdas culpam Filinto. Afinal, depois, Prestes aliou-se a Getúlio, em memorável comício, no Pacaembu, em São Paulo, em 1945. A política em muitos homens que só vivem dela, sempre esteve acima da verdade ... e dos próprios sentimentos humanos.

O que não se estende é a provocação descabida que se fez, às *barbas de todo mundo*, com a entronização do nome de Olga Prestes, em Cuiabá, num bairro como o *Areão* !...

Também não se explica por que motivos os que tinham por muitas e inarredáveis razões, o dever do protesto ... calaram-se. Ouviram a provocação... à queima roupa. E aceitaram.

Será que os sentimentos já estão, nesta geração, tão adormecidos ou relegados ... a este ponto ?...

Homenagens apropriadas e sensibilizadoras são as que foram prestadas a um *Faria Vinagre* ... a um *Clóvis Pitaluga de Moura*. E há outros nomes ainda por reverenciar. E muitos.

Chegada é a hora de corrigir os enganos ... ou apagar as malícias. A casa está cheia de gente ilustre. Basta querer conhecer-lhes os nomes. E apontá-los como exemplos à comunidade cuiabana. Olga Prestes, no *Areão*, é pura provocação !...



OS BODSTEIN

Wilson Oacyl Bodstein

Com a destruição de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, ocorreu a Grande Diáspora: os judeus foram dispersados por todos os países. Na Idade Média, nos séculos VI a XI, a maioria do povo judeu resi-

dia ainda no Oriente: Babilônia, Pérsia, Arábia, Síria, Palestina e Egito, e a minoria se achava espalhada pelo Ocidente, nos países europeus: Itália, Bizâncio, Espanha, França, Alemanha e Rússia. A partir do final do século XI dá-se o fenômeno inverso: no Oriente só resta uma pequena parcela do povo hebreu, enquanto a maioria encontra-se no Ocidente, convertendo-se em grandes centros do judaísmo a Espanha, a França, a Alemanha e outros países europeus. Concentrando-se nas mãos dos judeus grande parte do comércio mundial, pois eram eles desde os mais remotos tempos os intermediários mercantis entre a Ásia e a Europa, passaram a ser objeto de perseguições por parte dos cristãos, chegando até a serem expulsos de vários países. Com os constantes progíoms de que eram vítimas, causando a destruição de seus lares, o despojo dos bens e até assassinatos, muitas famílias mudaram o sobrenome, esperando, com isso, passarem despercebidas.

Em pesquisas realizadas em livros especializados em heráldica e genealogia, ficou apurado que a família Bodenstein, de origem israelita-prussiana, tem provavelmente cerca de oitocentos anos; uma parte emigrou para a Polônia e outras para a Rússia, onde se fixou especialmente em Odessa, no Mar Negro. Tendo Catarina II, da Rússia, cognominada A Grande, movido duas guerras contra os turcos (1768-1774 e 1775-1785), delas participou um Bodenstein, que veio a receber uma comenda, tendo assim origem o brasão da família, que possui o quarto crescente em virtude da luta contra os muçulmanos e encontra-se registrado, dentre outros, no livro *ILLUSTRATIONS TO THE ARMONIAL GÉNÉRAL*, impresso na "Heraldry Today" (10, Beauchamp Place, London, S.W.3, 1967, Pl. CCXXXVIII), de autoria de J.-B. Rietstap. Por perseguição ocorrida na Alemanha, o nome Bodenstein (*bôden* = solo, piso, chão, assoalho, terra, base; *stein* = pedra, rocha), foi mudado para Bodstein, para descaracterizar a origem semita, uma vez que *bod* nada significa.

O membro mais antigo de que se tem notícia é o Comendador Adolf Bodstein, nascido em Breslau, na província da Silésia, na metade do século XVIII, e casado com Gertrude Graumann Bodstein. O único filho conhecido desse casal é Ferdinand Bodstein, auditor de guerra, nascido em Berlim, em 1832, e morto na guerra franco-prussiana; casado com Frederica Bodstein, tiveram os seguintes filhos, todos nascidos em Berlim: Karl, militar, falecido na Batalha de Saint Cloud, na França, em 1870; Jorge, engenheiro; Arthur, advogado, radicado em Londres, casado com Maud Clayton Bodstein; Maria, casada com o Major Edward von Malven,

morto na batalha de Lotz, na Rússia, em 1915; Clara, casada com o Major Arthur von Ireskow, morto na batalha do Marne, na França, em 1916; e Eugênio, médico, casado com Emma Holten Bodstein.

O filho Jorge nasceu a 4 de novembro de 1857; diplomou-se em engenharia, em Berlim, em janeiro de 1881, e especializou-se em agrimensura e geografia. A 1º de setembro de 1883 foi aprimorar os seus estudos na França e na Inglaterra, e, com a mesma finalidade, dirigiu-se para São Francisco, nos Estados Unidos, onde chegou a 2 de novembro de 1884.

Qual novo Abraão, resolveu deixar definitivamente a sua pátria, de grande desenvolvimento e cultura, e parte para uma terra nova e desconhecida; seguiu, a 6 de agosto de 1885, para a América do Sul, tendo percorrido os estados brasileiros de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, e prosseguiu viagem para Buenos Aires, Santiago, Valparaíso, Antofagasta, Iquique, Callao, Lima, Arequipa, Sucre, Potosí, La Paz, fixando residência em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, onde chegou a 2 de fevereiro de 1886, vindo a contrair matrimônio, nessa cidade, a 25 de setembro do mesmo ano, com a senhorita Edelmira Rocca Eguez.

No ano seguinte mudou-se para Mato Grosso, onde nasceram seus filhos Manoel Ignacio (1887), Jorge Belizario (1888), Clara Edelmira (1890), Leonora Gertrudes (1892), Justa Emilia (1894), Antonio Alfredo (1895), Carlos Fernando (1897), Maria Petrona (1900), Emilia Gertrudes (1901), Luiz Carlos (1902) e Jovita Eliza (1906).

Na sua atividade profissional, após proceder à medição de terras na localidade de San Ignacio, na Bolívia, executou idêntico trabalho em Descalvados, São Luiz de Cáceres, em Mato Grosso. Convidado pelo governo desse Estado, realizou em 1895, medições e demarcação de terras e estudos geográficos em vários pontos do território mato-grossense, para abertura de estradas de rodagem, ligando as distanciadas regiões à capital do Estado, para possibilitar o incentivo à agricultura, à pecuária, à indústria e ao comércio. Em 1897, no governo do Dr. Antonio Corrêa da Costa, prestou exames para legalizar no Brasil o seu diploma de engenheiro agrimensor. No governo do Dr. Antônio Paes de Barros chefiou uma comissão de abertura de estradas de rodagem, de Cuiabá a Belém do Pará.

Com a idade mais avançada, dedicou-se ao magistério, le-

cionando línguas (alemão, inglês e francês), pintura e desenho, tendo mantido, por vários anos, o "Studio de Pintura Clássica e Desenho Artístico", e organizado várias exposições, como a I e a II Exposição de Pintura, realizadas nos anos de 1935 e 1937, ambas em comemoração ao Dia da Pátria, e patrocinadas pela Academia Matogrossense de Letras, na Casa Barão de Melgaço.

Convertido ao cristianismo – talvez os seus ascendentes próximos também assim procederam –, era luterano, e tornou-se mais tarde católico praticante.

O meu saudoso avô Engenheiro Jorge Bodstein, que veio a falecer aos 11 de novembro de 1944, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, com 87 anos e 7 dias de idade, é o patriarca da família Bodstein na América e, como o patriarca Abraão, teve a sua descendência grandemente multiplicada, disseminada por quase todos os rincões desta imensa Nação, que constituiu a sua verdadeira Pátria, pois aqui viveu 57 anos, contribuindo para o progresso do Estado de Mato Grosso.



O PARLAMENTARISMO NO BRASIL

por António de Arruda

1 – Introdução

Os constituintes de 1988 tentaram, de início, mas não ousaram implantar o sistema parlamentar de governo. Preferiram delegar a decisão ao eleitorado, por meio de um plebiscito a ser realizado em 7 de setembro de 1993, ocasião em que será decidido também o possível retorno do País à forma monárquica (art. 2º das Disposições Constitucionais Transitórias).

Assim, o problema continua em pauta, pelo que parece oportuno relembrar a experiência parlamentar no Brasil – não o simulacro de parlamentarismo do começo da década de 60, mas o que se praticou durante o Império. A própria vigência constitucional desse período foi realmente notável. A Constituição imperial durou 65 anos e só teve uma reforma – o Ato Adicional de 1834 – enquanto, na República, o número de